



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COORDENADORIA GERAL DE ESPECIALIZAÇÃO, APERFEIÇOAMENTO E EXTENSÃO

FERNANDO ZARPELON

**IMAGINÁRIO E CULTURA DE CANCELAMENTO:
O “MITO” E A “#ELENÃO”**

São Paulo - SP
2021

FERNANDO ZARPELON

**IMAGINÁRIO E CULTURA DE CANCELAMENTO:
O “MITO” E A “#ELENÃO”**

Trabalho monográfico de conclusão de curso apresentado como requisito para a obtenção do diploma de especialista *lato sensu* no curso de pós-graduação em “Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura” pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Messias

São Paulo - SP
2021

FOLHA DE APROVAÇÃO

Dedico estas reflexões e contribuições àqueles que ouvem com atenção o que é dito.

AGRADECIMENTOS

A todos os professores, em especial na pessoa de meu orientador professor Dr. Adriano Messias. À minha psicanalista, Débora Garcia, que me deu o apoio e escuta nos momentos difíceis. Às amizades e parcerias que florescem apesar deste tempo estranho em isolamento físico devido à pandemia dos últimos 18 meses. A todos colegas de curso que enriqueceram por demais esta imersão intelectual. À minha família e àqueles que apoiaram direta e indiretamente a realização deste trabalho. Obrigado!

“A atitude dos povos primitivos para com seus chefes, reis e sacerdotes rege-se por dois princípios básicos que parecem ser antes complementares do que contraditórios. Um governante não deve apenas ser protegido, mas também se deve proteger-se contra ele.”

FREUD, Sigmund; 1990, p.3

RESUMO

O trabalho oferece uma via interpretativa para a campanha de antipropaganda “#elenão”, que emergiu das lutas identitárias da esquerda e teve como alvo Jair Bolsonaro durante a eleição presidencial em 2018 no Brasil. Através do arcabouço teórico da Semiótica Psicanalítica, coloca em contraste discursos e perfis de identidade, em ambos os lados políticos, para investigar o fenômeno de mitogênese cultural à luz do que tem se denominado “cultura de cancelamento”. A análise se aprofunda na compreensão do epíteto “mito”, atribuído a Jair Bolsonaro, com a ideia de “pai da horda primitiva” de Freud e do Outro lacaniano. Apresenta conceitos da psicanálise como *unheimlich*, *das Ding* e abjeção em diálogo com a teoria esferológica de Sloterdijk e constrói um panorama sobre possíveis afetos e sentimentos envolvidos na simbolização e ressignificação a partir deste contexto semiótico mediado pelas redes sociais. Observa às *fake news* e à manipulação política do registro imaginário (enquanto objetos históricos) ao produzirem narrativas de caráter mitológico objetivando processos de identidade psicossocial que visam adensar eleitores. O texto enfatiza as emoções de medo e a busca de imunidade como articuladores dos diferentes grupos políticos e da dinâmica discursiva entre eles, bem como aponta para uma possível razão pela qual a “#elenão” não logrou o êxito desejado naquele momento histórico.

Palavras-chave: Imaginário; Mitologia; Cultura de Cancelamento; #elenão.

ABSTRACT

This paper offers an interpretative path to the "#elenão " anti-propaganda campaign, which emerged from the left-wing identitary fight and has had Jair Bolsonaro as main target during the 2018 presidential race in Brazil. Through the theoretical framework of the Psychoanalytic Semiotics, it contrasts speeches and identity profiles, at both political sides, to investigate the cultural mythogenic phenomena and bring to this light what has been called "cancel culture". The analysis dives into the comprehension of the epithet "myth", attributed to Jair Bolsonaro, along with the idea of "primal horde's father" by Freud and the lacanian Other. It presents psychoanalysis concepts such as *unheimlich*, *das Ding* and abjection in a dialogue with Sloterdijk's spherological theory and builds an overview about possible affections and feelings involved at the symbolization and resignification from this semiotic context mediated by social networks. It observes the fake news and political manipulation of the Imaginary register (as an historical object) as it produces myth-like narratives aiming psychosocial identity processes to thicken voters' groups. The text emphasis fear alike emotions and the seek for immunity as articulators of different political groups and the discursive dynamics amongst them, as well as it points to a possible reason why "#elenão" has not achieved the desired success at that historical moment.

Keywords: Imaginary, Mythology, Cancel Culture, #elenão

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – #elenao #lgbt

20

LISTA DE ABREVIATURAS

LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexuais, Assexuais (o “+” como símbolo coringa que engloba outras possibilidades de identificação sexual não heteronormativas).
PCDs	Pessoas com Deficiência

SUMÁRIO

1.	CULTURAS, MITOS E ESFERAS	15
1.1.	#Elenão e a Cultura De Cancelamento	18
2.	CONCEITUANDO O INOMINÁVEL	30
3.	O QUE É MITO?	34
4.	O OUTRO NAS ALTERIDADES E IDENTIDADES AMBIVALENTES NA #ELENÃO	38
5.	COGITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	53

1. CULTURAS, MITOS E ESFERAS

As narrativas sociais sobre temas da política brasileira são produtos culturais que hoje transpassam as bolhas psicossociais de identidade com questões intrínsecas à massificação do acesso, produção e difusão de conteúdos via internet e, em especial, *smartphones*. O novo panorama comunicacional dispõe-se a valorizar conteúdos sensacionalistas, hiperbólicos e mesmo falsos. São favorecidos, nos *feeds*, por algoritmos afeiçoados às opiniões extremas¹ e forjados para capturar usuários o máximo de tempo possível em uma imersão de imagens sem fim.² Aliada a uma grande capacidade de teste e análise de dados sobre as performances de diferentes perfis, tons discursivos e categorias de postagens; os influenciadores se profissionalizam ao gosto das corporações *big techs* e vestem semblantes selvagens atrás de seguidores, compartilhamentos, menções, comentários e toda sorte de capital interativo disponível para cada plataforma.

A cultura constitui tecido simbólico vivo ao se regenerar em versões mítico-narrativas e para dar conta do registro social dos fatos históricos, vestindo o vazio do Real com um Simbólico que faz borda e um Imaginário que lhe dá textura, sabor. Uma mitogênese, uma produção pulsante de cenas e narrativas se processa, assim, no domínio do corpo social contemporâneo com a epopeia performática dos "deuses momentâneos", que surgem de nossos tempos com suas respectivas imagens virtuais, carregadas de filtros e efeitos especiais antes só disponíveis para a dispendiosa indústria do cinema. Na crista da onda das tendências instantâneas, surfam sagas fantásticas, aventuras *live* e *stories* carregados de dramaturgia.

Todo o potencial de carga libidinal derivado destes significantes sociais passam a ser alvejados nos seguidores, que se constituem em tribos e seus respectivos totens, panteões de especialistas e hordas de fãs em diferentes graus de engajamento. As

¹ SUSARLA, Anjana; **Hate cancel culture? Blame Algorithms**. The Conversation, 2020. Disponível em: <<https://theconversation.com/hate-cancel-culture-blame-algorithms-129402>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

² WU, Katherine J.; **Radical ideas spread through social media. Are the algorithms to blame?** PBS.org, 2020. Disponível em: <<https://www.pbs.org/wgbh/nova/article/radical-ideas-social-media-algorithms/>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

mídias sociais, assim, dão vazão às pulsões individuais em *hubs* de informação com efeito gregário, que herdaram todo o arsenal capitalista desenvolvido pelas ferramentas hedonistas do marketing, agora na versão digital que esbanja o uso de dados de consumo. Tudo se dá em canais constantemente reatualizados com postagens, filtros, ferramentas de edição, interação, linguagem, com recorrente mudança nos protocolos sociais e uso de expressões; e mesmo com gêneros próprios de produção cultural, como os *memes* e suas iterações. Vive-se um estado peculiar de ansiedade e vertigem junto ao alto volume de exposição a todas estas curadorias algorítmicas de imagens e da impossibilidade psíquica das neuroses individuais e suas constelações mitológicas de encontrar aquilo que se procura.

Cada identificação social, por mais insignificante que soe, pode agora ser categorizada em *data points* e constituir uma bolha psicossocial com potencial para agregar quem toma parte das redes. Contam suas narrativas próprias da realidade, têm seus personagens icônicos, seus significantes particulares, usuários agrupados com o quais se identificam, trocam mensagens, criam conteúdo; além de contarem com a disposição de marcas capitalistas para associação comercial e exploração da audiência, que vem no bojo do tempo espaguetificado dos usuários presentes nestes espaços sociais de vínculo e identificação.

Sentidos imaginários comuns para os símbolos sociais sofrem semioses contíguas a estes contextos mais ou menos restritos, com forte impacto no registro imaginário do corpo social, que parece hipertrofiar e inflamar em fantasias narcísicas e letárgicas. Formam-se oásis de imaginários, mundos onde conseguimos encontrar compreensão e identificação, um bálsamo. Como há gozo neste pertencimento, há um esforço para continuar a fazer parte incontestemente das bolhas, de procurar seu núcleo radical, onde sentimos segurança e desejo de identificação. Esforço de imunização proporcional ao medo que toma como objeto fóbico aquilo que não se compreende, o mistério associa-se ao exterior, aos universos alheios aos nossos.

Estas realidades paralelas se refletem em comportamentos de manada, extremismos, surtos coletivos fruto de fantasia sectária cultivada nestes espaços. Sabemos que coexistem publicamente *online* e *offline*, onde travam a angustiante “batalha de narrativas”, contando vitórias dentro da opinião pública via métricas positivas nas redes

e na parcial contagem de cabeças das manifestações de rua. Esta mecânica de mensuração foi especialmente intensificada na mídia tradicional após 2010, enquanto as redes sociais sofisticavam a monetização de suas plataformas, consolidando as variáveis dos seus algoritmos de *feeds* e atraindo cada vez mais verba publicitária ávida pelo potencial assertivo das mensagens afinadas pelo *microtargeting*.

O senso comum acabou por reconhecer indiretamente o capital simbólico ludificado pelas mídias sociais (por exemplo: quantidade de seguidores de uma personalidade ou *likes* em um *post*, ou a subida de uma *hashtag*) como um pseudodemocrático fiel da balança que faz veredito aos temas políticos da agenda. Há ainda, obviamente, uma especial predisposição à legitimação pessoal de uma opinião se tal informação favorece à narrativa do grupo com o qual desejo me identificar politicamente, numa espiral de silêncio que fagocita o pensamento crítico em detrimento da identificação e ressonância com a bolha que assume o valor libidinal mais potente nas equações psíquicas dos sujeitos.

As produções culturais de narrativas interessam particularmente, pois indicam – pela fantasia mítica desenvolvida, bem como no valor econômico dos ofícios imagéticos – uma possível chave para que possamos interpretar mais profundamente a passagem aos atos da “cultura de cancelamento”; iconoclásticos, que levam à ruptura, à separação, à resignificação e à atuação simbólica.

Novos hábitos, ritos, tabus e reações políticas emergem dentro de uma dada bolha psicossocial após cada atualização e sugestão destes influenciadores. Os indícios que admitimos vêm exatamente da carga pulsional que tais significantes mobilizam dentro da dinâmica produtiva destes grupos. A atualização da lente cultural, com o engajamento nos conteúdos para telas como *smartphones*, gera uma cortina de imagens icônicas, assertivas, editadas e coesas em si. Patrocinando, replicando e engajando a estes conteúdos ideológicos, que fogem da "realidade objetiva" dos fatos. Não há deuses, heróis, santos ou forças da natureza a atuar nas coxias destes palcos, há forças econômicas e políticas; além de nós, humanos com existências não significáveis no registro fenomenológico do Real, como de costume.

1.1. #Elenão e a Cultura De Cancelamento

Partindo desse cenário, muitos fenômenos a serem estudados pela Clínica da Cultura decorrem, mas nos chamou atenção especial o debate sobre o que tem se denominado “cultura de cancelamento”, que abarca a exposição pública de indivíduos e marcas, a problematização dos discursos e o denunciamento moralista. Com especial relevância no contexto de produtos, serviços e marcas, o significante “cancelar” tem sido usado, recentemente, para pessoas.

O ato de cancelar alguém costuma ser direcionado a personalidades ou empresas que tenham feito ou dito algo considerado condenável, ofensivo ou preconceituoso. Caracterizado por ser executado especialmente por seguidores frustrados em suas expectativas, usam de seu capital interativo influenciador para detratir o “cancelado”, cuja condição fora previamente admirada como ícone de determinada bolha.

Não é um sintoma social novo e faz eco em fenômenos sociais conhecidos como o linchamento, o boicote, o ostracismo, a humilhação pública e a iconoclastia. A tangibilidade adquirida pelos atos de “deixar de seguir”, “bloquear” e “denunciar conteúdo”, no cancelamento são uma série de atitudes individuais que tomam proporções exponenciais e se destacam nos ambientes virtuais, chegando a ser considerada a expressão do ano de 2019 por um dos dicionários de língua inglesa³.

Possivelmente o primeiro uso do termo “cancelar” direcionado a alguém é mencionado em 1991 no filme “*New Jack City*”, onde Wesley Snipes rejeita sua namorada dizendo: “Cancele aquela c*****. Eu comprarei outra.” Em dezembro de 2014 a expressão aparece no *reality show* “*Love and Hip-Hop: New York*”, onde Cisco Rosado diz para Diamond Strawberry que ela “está cancelada”. A partir deste momento os usuários, especialmente do que tem se denominado subcultura *Black Twitter*, absorvem a expressão; hora com jocosidade, hora com seriedade e eventualmente o termo passa a ser usado em resposta a celebridades nas redes. A

³ **Word of the Year.** Macquarie Dictionary, 2019. Disponível em: <<https://www.macquariedictionary.com.au/resources/view/word/of/the/year/2019>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

manifestação de “cancelamento” individual passa, então, a se estruturar em atitudes de boicote pessoal e profissional.

Para mediar nossa compreensão deste sintoma social nas redes vamos interpretar um caso específico e emblemático de “cancelamento”: a campanha “#elenão”, levada a cabo contra Jair Bolsonaro durante o segundo turno da campanha presidencial de 2018. Há argumentos válidos de que este não é um caso de cancelamento convencional, dado que se trata de uma campanha eleitoral nacional e que o cancelamento se caracterizaria pela ruptura dentro de uma esfera restrita.

Porém, damos um passo atrás aqui, a fim aumentar o campo de nossa observação e vislumbramos uma esfera de identidade nacional a ser ressignificada, polo a polo, seja pelas vias da fé no patriotismo servil à direita, seja pela promessa da inclusão cidadã à esquerda do espectro político. Por hora, queremos apenas admitir em nossa reflexão que os significantes que participam de tal quadro semiótico, considerando que o “cancelamento”, capitaneado por uma dada coletividade identificada entre si, pode ser ou não efetivo em isolar ou causar dano ao capital simbólico de seu alvo.

Nossas perguntas então cogitam ampliar e aprofundar a interpretação dos significantes utilizados para a tentativa de cancelamento, o que eles revelam de quem os emite? Pretendemos assim lançar um olhar sobre o que foi enunciado através do significante “#elenão” e quais sintomas estas falas podem revelar através de suas instâncias. Quais características e aspectos conjunturais contribuíram para que a campanha não tivesse êxito em cativar mais eleitores e bloquear o sucesso de Bolsonaro nas urnas? Porque não se conseguiu “cancelar” a eleição de Bolsonaro com a estratégia? Quais sentimentos e pulsões precisaram atuar dentro do campo contrário a Bolsonaro para decidirem se coordenar em torno de um tal enunciado de cancelamento? São respostas que não se pretendem completas, mas que deverão ser úteis na simbolização de uma personagem histórica que, como uma esfinge, precisa ser decifrada antes que devore a todos.

O objetivo principal deste trabalho consiste, portanto, em utilizar conceitos instrumentais da Semiótica Psicanalítica para estruturar as perguntas de um texto reflexivo que analisa fenômenos discursivos político-sociais no Brasil em relação à gênese

cultural de novas narrativas de caráter análogo ao mitológico, especialmente vinculadas à geração de “deuses momentâneos” no imaginário. Desejamos que a análise contribua para a compreensão da crise democrática e contígua ascensão da extrema-direita ao poder político, material e simbólico. Tomando como objeto de reflexão a coleção de imagens, discursos e a narrativas que se produzem de Jair Messias Bolsonaro – conhecido pelo epíteto de “mito”, “coiso”, ou ainda pelo vocativo negativo da *hashtag* eleitoral “#elenão” – avançamos em interpretar sua semiose política. Nos interessa como foi disseminada a narrativa deste personagem cultural e quais os aspectos e propriedades imaginárias que ela dá conta de refletir especularmente para a composição dos grupos que o apoiam e o rejeitam. Investigaremos o que ele indica, o que simboliza. Cabe aqui citar a Figura 1 utilizada nas redes para identificar visualmente a campanha e que continua até hoje como referência nas manifestações que agora pedem o *impeachment* de Bolsonaro.

Figura 1 – #elenao #lgbt Autor: Militão Queiroz, 2018.



Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BnrrEtmBPKI/>>. Acesso em: 19 de Setembro de 2021.

Tendo em mente um método indiciário, o que entendemos por uma busca de detalhes que tendem a escapar do fluxo discursivo consciente recebido pelas mais diferentes mídias, procuraremos, dentro das falas sociais (à direita e à esquerda), os seus restos sintomáticos (que, aliás, transbordam); os quais articulamos junto aos conceitos da *Clínica da Cultura*, tais como: imaginário, mitogênese, sintoma, desejo, gozo, abjeto, supereu, *fake news*, esferas, verdade factual, grande Outro, etc. Enfim, uma miríade de ideias que encontraremos distribuídas na obra de autores que desejamos nos aprofundar para abordar o tema: Freud, Lacan, Sloterdijk, Cassirer, Eliade, Arendt, Kristeva, Santaella e Messias.

O recorte temporal que sugerimos para nossa abordagem diacrônica é a partir das “Jornadas de Junho de 2013”. Nos pareceu uma escolha interessante, pois tem sido utilizado como evento chave por várias razões históricas dentro dos estudos de áreas do conhecimento como ciências sociais, antropologia, comunicação social, entre outras. O acontecimento, largamente noticiado e analisado, ainda marca a contemporaneidade como “maior manifestação política da história recente do país” e aumentou, desde então, a influência de ideias conservadoras em instituições e redes, o que contribuiu para a guinada à direita que presenciamos no imaginário e que parecem atualizar as formas de gozo de nossa época.

Para iniciar em uma compreensão simplista, em uma noção dialética do imaginário coletivo nacional, poderíamos descrever o movimento histórico onde Bolsonaro logrou colocar-se como *antítese* para a *tese* encapsulada pelos governos anteriores. Dessa forma, poderíamos acreditar que seu poder simbólico foi nutrido *a priori*, a partir de uma fonte externa a si próprio: o contexto popular contra o *establishment*, reconhecido naquele momento como um antipetismo. O Partido dos Trabalhadores estava desgastado por escândalos midiáticos e acusações de corrupção incessantes. Estava a mais de uma década na presidência e com o ex-presidente Lula preso por uma série de ilegalidades, que mais tarde vieram a público e anularam suas condenações em 2021.

Bolsonaro parecera, como há quem conclua precipitadamente, ter saído vitorioso com base apenas na polarização, no reconhecimento eleitoral de seu antagonismo radical declarado contra o Partido dos Trabalhadores (entendido aqui em

metonímia para a ampla esquerda) e personificado pelo personagem cultural (não menos mitogênico) de Luís Inácio Lula da Silva. Acreditamos que a polarização maniqueísta foi importante ferramenta para localizar o discurso de Bolsonaro “contra tudo isso aí” e pode, através de uma pulverização da “contrariedade” pública, da atizada necessidade de negação à política, ressoar em seus eleitores a variedade de perfis de identificação social nem tão extremos assim, mas que foram, todavia, abarcados em sua comunicação aparentemente caótica e fragmentária.

Fatos que os opõem são incontáveis, principalmente se considerarmos o potencial eleitoral que Lula representava até o fim nas pesquisas oficiais que participou em 2018; mesmo com o contexto da derrubada de Dilma Rousseff, da prisão que impediu a sua participação direta no pleito e da agora provada parcialidade no julgamento de seus processos. Em *síntese*, a atitude de adesão a um ou outro (ou nenhum) demonstra diferentes afetos e subjetividades frente a este ambivalente objeto de estudo. Bolsonaro deve muito de sua surpreendente vitória, de fato, ao espólio simbólico proporcionado por aqueles a quem se contrapôs discursivamente por vias do amor, do ódio, da abjeção e da indiferença, mas não apenas.

Para realizar então a tarefa de análise, nos colocamos também a dar atenção de escuta clínica aos conteúdos que se veicularam nos canais de distribuição da comunicação bolsonarista. Estes canais, reconhecidos como fonte profícua de *fake news* e outras modalidades de discursos ideológicos à direita, hoje são monitorados por estudos sociais e antropológicos, como os conduzidos por Kalil⁴. Observamos passivamente (e sem uma metodologia objetiva) aos fenômenos destes espaços virtuais antagônicos e presenciamos, ao longo destas contribuições reflexivas, o contexto contemporâneo das bolhas de filtro na rede, uma promovida segregação ideológica na sociedade brasileira. Ali dentro dessas esferas de ressonância social, atuando sob a coletiva proteção fóbica contra “o que vem de fora”, adensam-se artificialmente indivíduos em revoltas e negações, outrora dispersas, *off-line*, de maneira impotente. Identificamos os desejos e especialmente medos comuns que se revelam nestes espaços reservados, à sombra de imaginários fantasiosos e dinâmicos, que concedem abrigo

⁴ KALIL, Isabela. 2018.

em um exercício de gozo narcísico para as identidades ali contempladas em significantes; nas fobias e fantasias coletivas forjadas – bem como recicladas – no calor das *fake news* (de conteúdo, via de regra, misógino, homofóbico, xenofóbico, anticientífico, anti-comunista, etc.). Em suma, objetivamos dar um possível sentido ao que tem sido alvo comum destas tantas pulsões individuais. Queremos entender melhor as motivações políticas que coletivamente legitimaram Bolsonaro no corpo cultural brasileiro e como se estruturam através das narrativas associadas a ele no imaginário.

Será que – dentro da ideia de esferas psicossociais em Sloterdijk – a formação dos imaginários⁵ poderia ser análoga ao fenômeno da variação linguística, ou mesmo (extrapolando) o fenômeno biológico da especiação; quando barreiras entre indivíduos (sociais, geográficas, mudanças de condições materiais e o afastamento geracional) potencializam a ocorrência de alteridades? Freud, afinal, argumentou que as culturas seriam modos particulares de lidar com os recalques e subsequentes tabus. Certamente a pergunta é ousada e ficará, por hora, sem resposta. Porém, há elementos na polarização social, na multiplicidade de versões narrativas, e, sobretudo, na alta carga pulsional administrada nestas esferas, que apontam que os discursos divergem a partir de um fenômeno cultural que foi acelerado pelos novos meios e sua capacidade de ressignificação simbólica.

Nossos objetivos se estreitam, deste modo, em promover um mergulho na “cultura de cancelamento” e sua presença estrutural na *hashtag* #elenão. Esta comunicação surgiu dentro das esferas identitárias de luta feminista e logo se alastrou, pela esquerda e centro-esquerda, como slogan geral de contrapropaganda a Bolsonaro. Ao entender o que significa este sintoma/ estratégia instrumentalizado (sobretudo pelas esquerdas engajadas nas redes sociais) nos munimos de estofos teóricos para ter capacidade crítica de reconhecer melhor quais emoções e motivações estavam associadas com a adesão ou com a rejeição à campanha #elenão durante o pleito presidencial de 2018.

⁵ Para Sloterdijk, a formação do espaço psicossocial imaginário se dá através de ressonâncias, cujas origens ele investiga ontologicamente desde estágios pré-natais e localiza a partir de uma relação dualista de imunização, complementação e apoio, com ênfase no sentido da audição. Já para Lacan, a formação desta imagem e identificação partiria de um corte, uma cisão fundamental do par mãe-bebê e que é discutida principalmente a partir de sua formulação do “estágio do espelho”, uma alegoria visual.

Com o relato histórico incrementado por memórias carregadas de afeto e participação de eventos dentro do contexto, deveremos usar o pensamento crítico e uma escuta psicanalítica em busca de índices que levem a uma compreensão e perspectiva nova do conflito enunciado pelo tema. Depois desta escuta, pretendemos ancorar uma análise que abra sugestões de novos caminhos ou aperfeiçoamentos na maneira como lidamos com alteridades em nosso contexto contemporâneo.

Precisamos reconhecer, logo de partida, que um aprofundamento sobre os debates já realizados com o tema da “cultura de cancelamento” precisou ser realizado para essa análise. Múltiplas abordagens científicas são possíveis para o fenômeno e campos diferentes de conhecimento já procuram o interpretar à luz de suas próprias teorias e paradigmas, não seria diferente para a Clínica da Cultura pela via da Semiótica Psicanalítica.

A “cultura de cancelamento” é obviamente um tema recorrente nas próprias redes sociais, logo, há um imponderável volume de conteúdos disponíveis para ilustrar as muitas manifestações já ocorridas deste fenômeno. Não cabe aqui listar exemplos em um esforço de catalogá-los, mas neste âmbito interpretativo é possível verificar diferentes desdobramentos possíveis de acordo com a resposta que os “cancelados” deram quando colocados face aos antagonismos, bem como à gravidade percebida nas acusações e à posição midiática de quem oferece a denúncia/ exposição negativa. Apesar de consolidado no vocabulário, o termo aparece consistentemente intercambiado com outras noções também jovens como *call-out culture* (que decidimos aqui traduzir por “cultura da exposição”), trolagem, assédio e outras tendências já empacotadas anteriormente como “cultura do ultraje”⁶.

Por ser um objeto de pesquisa que, logo de partida, classificamos concernentes aos estudos sociais identitários e de gênero, que têm um olhar atento e uma história entrelaçada pela luta por direitos civis nos E.U.A., vemos surgir nestes campos do conhecimento os principais autores que lançaram luz até agora aos fenômenos do que tem se denominado “cultura de cancelamento”. É o caso de Anne Charity Hudley,

⁶ BROMWICH, Jonas E.; **Everyone is Canceled**. New York Times, 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/06/28/style/is-it-canceled.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

professora de linguística da América Africana da Universidade de Santa Barbara na Califórnia. Ela argumenta que o cancelamento seria uma tática de luta identitária que remete ao uso do boicote pela população negra do sul dos E.U.A., com a diferença de que os boicotes agora são endereçados também a pessoas e não apenas a negócios. Para ela o cancelamento promove a ideia de que as pessoas podem ser empoderadas ao rejeitar partes da cultura que espalham ideias e atitudes nocivas. Assim, se não se vislumbram possibilidades para criar mudanças através de meios político-democráticos, então seria possível simplesmente recusar-se a participar.⁷

Outra autora que nos trouxe pontos de partida importantes foi Loretta Ross em seu artigo *“I’m a Black Feminist. I Think Call-Out Culture Is Toxic.”*, publicado no jornal New York Times⁸. Ela traz uma retrospectiva onde lembra dos esforços de contrainteligência do FBI (COINTELPRO), que perseguiram e eliminavam feministas, pessoas negras, comunistas e pacifistas; e que os ataques ilegais desta instituição federal norte-americana quase sempre começavam com exposições públicas investidas contra os ativistas. Ross ainda pondera, com exemplos, sobre a necessidade de empatia e escuta para que haja a possibilidade de mudança consistente nos comportamentos estruturalmente nocivos de determinados grupos. Faz referência a sua experiência de transformação positiva junto a condenados por estupro em presídios norte-americanos nos anos 1970, também junto a mulheres de membros da Ku Klux Klan que desejavam proteger os filhos de influências racistas dos pais. Ela ainda se pergunta se poderíamos evitar individualizar a opressão e não usar a luta política como espaço para terapia pessoal ao reconhecer que, mesmo tendo sido vítima de crimes de incesto e ódio, nem todo homem que flerta é um potencial estuproador. Ross compartilha também sua experiência com justiça reparativa e com comunicação não-violenta. Ela pondera até mesmo sobre movimentos de sobreviventes como o *“#MeToo”*, que poderiam se dirigir contra o abuso sexual sem espelhar a punição

⁷ ASHFOR, James; **What is Cancel Culture?** The Week, 2020. Disponível em: <<https://www.theweek.co.uk/105772/what-is-cancel-culture>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

⁸ ROSS, Loretta; **I’m a Black Feminist. I think call-out culture is toxic.** New York Times, 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/08/17/opinion/sunday/cancel-culture-call-out.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

e o exílio do sistema prisional. Ela argumenta que a “cultura de cancelamento” atrapalha o trabalho da justiça social mais do que ajuda, pois expurga aqueles com os quais não concordamos completamente, ao invés de manter o foco nos indivíduos e organizações que lucram com a discriminação e injustiça.

Ainda para Ross, as exposições públicas são justificadas para desafiar provocadores, difamadores e intriguistas que deliberadamente machucam os outros. Ela ainda aponta a ressalva de que criticar efetivamente pessoas fora de nosso escopo de poder é uma tática importante para conquistar justiça. Porém, lembra que a maior parte da culpabilização pública é horizontal, sintagmática. Feita por quem julga possuir maior integridade moral, ou capacidade de análise mais sofisticada, entre outras posturas arrogantes, de mérito duvidoso. A exposição faria as pessoas em geral mais temerosas de se tornarem alvos de cancelamento, evitando debates mais profundos e se mantendo hipervigilantes, perfeccionistas prontas a denunciar quaisquer vestígios de erros nos discursos.

No dia sete de julho de 2020 foi publicada na revista *Harper's* a carta aberta “*A Letter on Justice and Open Debate*”⁹ assinada por diversos autores acadêmicos e personalidades, entre eles Noam Chomsky, onde (apesar de não citarem explicitamente a “cultura de cancelamento”) criticam a estratégia. Ponderam inicialmente sobre a importância dos protestos raciais e por justiça social em curso, que estão levando a sério demandas por reformas em políticas, para que gerem amplas medidas a favor da equidade e inclusão social, bem como melhor educação, jornalismo, filantropia e artes. A carta prossegue alegando que a desejada inclusão democrática só pode ser alcançada por nos opormos ao clima de intolerância que foi armado em todos os lados. Argumentam que o livre trânsito de ideias e informação tem sido restringido e que alertas perturbadores são dados quando estas percepções de transgressões na fala e pensamento entregam mais punição desproporcional do que as almejadas reformas. Esta aversão ao risco de ser alvo de cancelamento seria um preço alto a ser pago por escritores, cientistas e artistas, que temem pelo próprio

⁹ **A Letter on Justice and Open Debate.** Harpers.org, 2020. Disponível em: <<https://harpers.org/a-letter-on-justice-and-open-debate/>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

sustento. Por fim, advoga que justiça não pode existir sem liberdade e que escritores precisam de espaço para experimentação e erros, pois preservar a capacidade de discordar em boa-fé, sem consequências profissionais, é fundamental ao exercício democrático.

Neste íterim, citamos frases recentes de dois ex-presidentes norte-americanos. Barack Obama, em 29 de outubro de 2019, disse: *“This idea of purity and you're never compromised and you're always politically 'woke' and all that stuff. You should get over that quickly. The world is messy, there are ambiguities. People who do really good stuff have flaws. People who you are fighting may love their kids. And share certain things with you.”*¹⁰ Lembrando que o uso da “cultura de cancelamento” pela esquerda tem sido um estandarte cultural após sua presidência. Por outro lado temos a hipocrisia de Donald Trump, antes grande atirador de pedras e entusiasta de boicotes, em três de Julho de 2020, declarar: *“Cancel culture is driving people from their jobs, shaming dissenters, and demanding total submission from anyone who disagrees, this is the very definition of totalitarianism, and it has absolutely no place in the U.S.A.”*¹¹

Lembramos então da forte capacidade de replicação cultural que eventos ocorridos nos E.U.A. e Europa exercem na política brasileira, mesmo que contingentes aos contextos nacionais. Temos a sociedade globalizada e integrada em plataformas que traduzem e produzem a versão brasileira de conteúdos, campanhas e tendências sociais globais quase instantaneamente, quando não concomitantes. Por isso, no Brasil, nos interessou em especial as reflexões de Djamila Ribeiro sobre o tema. Ela diz que:

¹⁰ CILLIZZA, Chris. **What Barack Obama gets exactly right about our toxic 'cancel' culture.** CNN, 2019. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2019/10/30/politics/obama-cancel-culture/index.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2020. *“Essa ideia de pureza, que vocês nunca ficam comprometidos e estão sempre ‘alerta’ e tal. Vocês devem ultrapassar isso logo. O mundo é confuso, há ambiguidades. Pessoas que fazem coisas realmente boas têm falhas. Pessoas contra as quais você está lutando, amam seus filhos. E compartilham certas coisas com vocês.”* (tradução própria).

¹¹ NOBLE, Oliver. **Trump Called 'Cancel Culture' the Definition of Totalitarianism. But He's Tried to Cancel All These People and Businesses.** Vice, 2020. Disponível em: <https://www.vice.com/en_us/article/z3eyge/trump-called-cancel-culture-the-definition-of-totalitarianism-but-hes-tried-to-cancel-all-these-people-and-businesses>. Acesso em: 20 de julho de 2020. *“Cultura do cancelamento está levando pessoas de seus empregos, envergonhando dissidentes, e demandando total submissão daqueles que discordam, essa é a própria definição de totalitarismo, e isso tem absolutamente nenhum espaço nos E.U.A.”* (tradução própria).

“a partir de que as redes sociais passaram a dar um mínimo de espaço para quem era cancelado diariamente dos veículos de comunicação, pessoas inquestionáveis passaram a ser questionadas e canceladas, gerando o incômodo sobre o tema”.¹² Sobre as pessoas diariamente canceladas, ela enfatiza que grupos vulneráveis têm sido suprimidos da história do país desde sua fundação colonial e que cancelamentos seriam respostas reparativas equivalentes para não apagar tal realidade. Ribeiro ainda cita Carla Akotirene¹³, doutoranda em estudos de gênero da UFBA, que discorre sobre os diferentes efeitos estruturais entre o cancelamento de uma pessoa branca e de uma pessoa negra. Lembrando da importantíssima variável de que há réguas diferentes na sociedade, na equação que define o que basta para cancelar pessoas em posição de oprimido, ou em posição de opressor.

Um aspecto interessante, que curiosamente pudemos notar no processo de aprofundamento no tema, foi a forte associação que a “cultura de cancelamento” parece ter com os mecanismos de escolha e eliminação do *reality-show* “*Big Brother*”, que alcançou sua vigésima edição neste ano de 2020 no Brasil. O debate virtual que se faz nas redes sobre personagens de *reality-shows* parece emular a experiência eleitoral contemporânea. A escolha dos vencedores no programa se dá pela reação do público aos conteúdos midiáticos distribuídos em diferentes canais. A interpretação das situações e, particularmente, as reações e falas dos participantes faz o público criar identificação ou repulsa a um ou outro personagem, em um processo subjetivo que leva em conta todo o debate de temas sociais transcorridos, com especial valor libidinal dentro das esferas. Talvez por isso o *Big Brother Brasil* seja um dos grandes exercícios nacionais de “cultura de cancelamento”, pois trata-se de uma escolha popular e eletrônica a partir de critérios subjetivos absolutamente não-especificados: o que vale é o desejo de quem vota voluntariamente para participar.

¹² RIBEIRO, Djamila. **A facilidade com que se cancela pessoas negras deveria ser alarme**. Revista Marie Claire, 2020 Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/Djamila-Ribeiro/noticia/2020/05/djamila-ribeiro-facilidade-com-que-se-cancela-pessoas-negras-deveria-ser-alarme.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

¹³ RIBEIRO, Djamila, *ibidem*.

Quando pensamos, por fim, no volume de análises, artigos, teses e debates em torno dos fatos políticos – e das peculiares campanhas presidenciais de 2018 – a revisão bibliográfica para esta pesquisa parece ser uma tarefa irrealizável. No entanto, ainda não encontramos quem tenha feito um recorte que interprete os discursos que objetivaram cancelar Bolsonaro (chegando a lhe negar uma nomeação) em contraste com o desejo daqueles que o elegeram “deus momentâneo”. Sustentamos assim, mais uma vez, a relevância desta análise que pretende pensar o “mito” Bolsonaro através daquilo que transborda de seus significantes.

2. CONCEITUANDO O INOMINÁVEL

Ainda que a roupagem nova do fenômeno social compreendido pela tentativa de “cancelamento” presente na campanha “#elenão” tenha sido proporcionada pela configuração e pela idiosincrasia dos aparatos comunicacionais do Brasil naquele momento de 2018, são eventos cuja equivalência a processos e estruturas psicossociais já estudados que buscamos enfatizar em nossa pesquisa. Chama especial atenção a negação em nomear Bolsonaro. Ao usar “#elenão” para a *hashtag*, o pronome pessoal do caso reto na terceira pessoa do singular confirma que todos sabem de quem se trata, conferindo à elipse uma sensação monstruosa, diabólica. A recusa, neste caso, em lhe chamar pelo nome próprio é um indício riquíssimo do percurso desta semiose: uma proibição. Cria-se um tabu e tudo de terrível que pode estar associado à quebra deste tabu vem pelo imaginário. A partir da negação em vocalizá-lo vinculamos a “ele” um fenômeno de registro Real, não significável.

Para a reflexão se realizar prescindimos, portanto, aprofundar agora a análise com conceitos teóricos consolidados dentro da obra semiótico-psicanalítica. De Freud, traremos a noção de *sintoma psíquico na sociedade*, inaugurada com a publicação de “Mal-estar na Civilização”¹⁴. Além disso, resgatamos o termo alemão *das Ding*¹⁵ (a coisa): objeto supremo de nossos desejos em sua insuportável intensidade e impenetrabilidade. O conceito parece atuar como fio de Ariadne nos labirintos narrativos imaginários dos indivíduos em busca de seus desejos coletivizados no herói, afinal as ideologias (cada uma a sua maneira) buscam evitar o mal e proteger seus adeptos do Minotauro, do monstro, da coisa, ou em nosso caso, do “coiso”, que apavora os espíritos a evitar sua simples menção direta. No significante “#elenão” fica evidente e sintomático a negação e temor à esta “coisa” devoradora e enigmática.

Há ainda o conceito de *unheimlich*¹⁶, a estranheza familiar que toma conta das percepções nestes espaços suspensos, e, com seu plano destrutivo, persecutório, mesmo paranoico, enfatiza sintomas sociais estruturais “conhecidos há muito tempo

¹⁴ FREUD, Sigmund; 1930.

¹⁵ FREUD, Sigmund; 1950.

¹⁶ FREUD, Sigmund; 1919.

e familiares desde sempre” (racismo, exploração, violência, exclusão, desigualdade, autoritarismo, tirania etc.) em uma onda de cancelamentos que buscam afastar ameaças e se aliar a identidades ressonantes em busca de imunização. Estas impressões familiares e estranhas parecem vir de discursos e imagens que acenam para diversos temas gatilho: o medo da castração (presente no armamentismo viril, na misoginia), a figura do duplo (contra a “ideologia de gênero”, contra o comunismo, contra a minoria), o movimento do autômato (no do robô *troll* ativista de redes).

Declarações violentas, antes compartimentadas na instância da intimidade pessoal, agora são reconhecidas e validadas em significantes fora de si, articulados em discursos intolerantes banalizados (fomentados pelas recompensas em popularidade nas redes), reativando memória da falta, do trauma que convoca a atuar, com reação de forças primitivas, que não cabem no universo simbólico democrático; pulsões que a civilização quereria ter recalçado e que o indivíduo social supunha haver superado por aderir ao estado de direito. Apoiando-se no conceito de *unheimlich*, Lacan diz que a angústia aparece quando o sujeito é exposto à “falta da falta”, ou seja, a uma alteridade onipotente que o toma até destruir qualquer faculdade desejante:

Aquilo diante de que o neurótico recua não é a castração, é fazer de sua castração o que falta ao Outro. É fazer de sua castração algo positivo, ou seja, a garantia da função do Outro, desse Outro que se furta na remissão infinita das significações, desse Outro em que o sujeito não se vê mais do que como um destino, porém um destino que não tem fim, um destino que se perde no oceano das histórias. Ora, o que são as histórias senão uma imensa ficção? O que pode assegurar uma relação do sujeito com esse universo de significações senão que, em algum lugar, existe gozo? Isso ele só pode assegurar por meio de um significante, e esse significante falta, forçosamente. Nesse lugar de falta, o sujeito é chamado a dar o troco através de um signo, o de sua própria castração.¹⁷

Diz ainda que “desliza” de um sujeito a outro, como o próprio conceito de tabu faz em Freud. Ao se colocar como pai perverso da horda primitiva, Bolsonaro se posiciona como angustiante objeto fálico, onipotente para uma gama enorme de obsessões particulares identificadas e organizadas em bolhas psicossociais à direita. O supereu destas esferas é ativado então pelo capital pulsional da cultura que se produz

¹⁷ LACAN, Jacques; 1963-63, p.56.

e volta-se contra os indivíduos. Como efeito cruel desta sua submissão, surge a maldade em nome de um Outro caprichoso, de um “malvado favorito”. O Bolsominion, este personagem, se apresenta para a esquerda como um autômato, um robô estranho, um familiar que “de repente é um estranho” e parece animado através da catexia discursiva do grande Outro, este “deus momentâneo” messiânico, bolsonarista que lhe arrebatava e imuniza.

Destacamos, portanto, de nossa fundamentação teórica em Lacan ainda a dinâmica assumida na contemporaneidade entre os registros psíquicos (o Real, o Simbólico e o Imaginário), a já apresentada noção de Outro, bem como a noção de mitologia individual do neurótico, aplicada nesta Clínica da Cultura a um corpo social em rede.

Trabalhamos ainda aqui com a compreensão de Plaza de que a memória da história se apresenta a nós enfatizada em aspecto de primeiridade¹⁸, derivando desta propriedade semiótica a alta carga libidinal envolvida na catexia dos objetos e dos significantes políticos.

A ideia de abjeto em Kristeva também adere acessoriamente ao escopo de nosso quadro teórico. Poderemos com ela nos debruçar sobre o contato com a *abjeção* a que Bolsonaro nos expõe em suas falas. A autora expõe que “*Essentiellement différente de « l'inquiétante étrangeté », plus violente aussi, l'abjection se construit de ne pas reconnaître ses proches : rien ne lui est familier, pas même une ombre de souvenirs.*”¹⁹ O abjeto seria uma espécie intermediária, sem lugar linguístico próprio, na fronteira entre o sujeito e o objeto. Um certo *eu* que se mistura ao seu Outro, perseguindo um supereu que não segue às regras simbólicas por não se inscrever e, assim não cessa de desafiá-lo. “*A chaque moi son objet, à chaque surmoi son abject.*”²⁰ Ao esbanjar sua coprolalia, Bolsonaro está de fato se associando nos inconscientes a um poder derivado do nojo, do horror ao cadáver, mesmo que nossa vivência

¹⁸ PLAZA, Julio; 2003, p.4.

¹⁹ KRISTEVA, Julia; 1980, p.13. “*Essencialmente diferente do “estranho familiar”, mais violenta também, a abjeção se constrói com o não reconhecimento de seus próximos: nada lhe é familiar, nem mesmo uma sombra de lembrança.*” (tradução própria).

²⁰ KRISTEVA, Julia; *ibidem*, p.10. “*Para cada ego seu objeto, para cada supereu seu abjeto.*” (tradução própria).

social consciente o tenha normalizado temporariamente. Abjeção compreende-se no asco, no crime premeditado, na traição, no terror que dissimula, no ódio que gargalha. Apresenta-se em chistes macabros que revelam estruturas sociais opressoras e valores intolerantes se apropriando dos espaços que gostaríamos de supor democráticos. Abjeta é a coisa que engatilha o sentimento fóbico e que abunda no “coiso”. Bolsonaro não se simbolizará no “cancelamento cultural”, argumentamos aqui, apenas pelo desejo objetal, mas especialmente pela exclusão abjetal.

3. O QUE É MITO?

O mito fracassa em dar ao homem mais poder material sobre o meio. Apesar de tudo, dá ao homem a ilusão, extremamente importante, de que ele pode entender o universo e de que ele entende, de fato, o universo. Como é evidente, trata-se apenas de uma ilusão. (LÉVI-STRAUSS, Claude; 1989, p.32.)

Primeiro, cabe esclarecer que um dos usos correntes do vocábulo “mito” no entendimento vernacular brasileiro se refere a uma história falsa, a uma mentira. Apenas a partir da segunda metade da década de 2010 a gíria “mitar” se expande para além do universo *gamer* brasileiro, significando “realizar algo mitológico, fantástico”. Só então o grupo acaba por distribuir em mais amplo espectro o epíteto “mito” a Jair Bolsonaro, chancelando o apoio popular naquele contexto eleitoral.

Ao aprofundar a compreensão formal e acadêmica da palavra, pensamos primeiro em uma versão narrativa ancestral e “fantasiosa” de um dado grupo para a origem de seu universo simbólico, como uma variação da narrativa religiosa e imprescindível da fé. O mito carregaria em si a proposta de uma cosmogonia e uma teogonia para os povos onde são originários, mas é transcultural e seu valor positivo reside na alegoria que transmite, não na observação da sua verossimilhança ou em seu poder de interferir objetivamente realidade vivida.

Costumamos colocar mitos na gaveta da diversidade dos produtos culturais, mas eles têm uma função cultural privilegiada no estabelecimento da ordem social dos grupos onde emergem. Eles oferecem coesão dramática, um *simulacro* seguro e fiel às visões de mundo onde se originam. Dão mesmo instruções didáticas às atividades produtivas e revelam sabedoria basal sobre as relações existenciais e naturais dos contextos em que se instalam com poder simbólico. Bem como os sonhos (e outras manifestações dos inconscientes), entre as características das narrativas mitológicas estão a multiplicidade de versões (mesmo contraditórias) e o desprezo consciente por preocupações de ordem lógica como a coerência, a racionalidade ou tempo cronológico. É, muitas vezes, através da narrativa mítica que os tabus, as hierarquias, os comportamentos e tradições são transmitidos e adquirem unidade discursiva coesa, chegando a formar panteões conforme se consolidam na tradição.

O sentimento intensificado pelo discurso mítico evoca aos arcaicos “deuses momentâneos” descritos por Cassirer e que associamos aqui a Bolsonaro. São seres

que concentram as intuições, dominando os pensamentos e emoções para contemplar as identidades em esferas psicossociais que hoje vemos receber propagandas panfletárias segmentadas com a ajuda determinante das tecnologias de rede e corroborados pelas avançadas estratégias de comunicação e marketing disponibilizadas pelas *big techs*. De acordo com cada esfera interdependente a recebê-lo, há um discurso sob medida, uma cadeia de significantes própria e uma pulsão diferente convergindo no mesmo alvo.

Não parece aleatório que presenciemos Bolsonaro sistematicamente dizer e contradizer informações oficiais, utilizando os mais variados estratagemas. Se levarmos em conta que o *objeto histórico* tem para a consciência um aspecto fenomenológico de primeiridade; se eventos passados se manifestam em nós como uma mônada de lembrança, memórias fugidias na qual cada instante presente, cada plano sequência, cada postagem no *feed* das nossas redes (algorítmicas ou não) contamina de parcialidade os próximos em uma *gestalt*, em elos de significantes a se deslocar metonimicamente... Então, como nos indica Walter Benjamin: “articular o passado não significa conhecê-lo ‘como verdadeiramente foi’. Significa apoderar-se de uma recordação tal como esta relampeja num instante de perigo.”²¹ O ser político está agora exposto ao turbilhão de informações da pós-verdade, com mais ou menos instrumentos críticos de proteção individual.

Dito isso, e partindo brevemente para o entendimento do indivíduo, Lacan compreende que cada sujeito possui sua própria mitologia individual, como uma constelação de personagens primordiais a serem executados por diferentes atores ao longo das experiências fenomênicas vividas e que “*Le mythe étant précisément ce qui peut être défini comme donnant une formule discursive à ce quelque chose qui ne peut pas être transmis dans la définition de la vérité (...)*”.²² Então, se o mito transmite discursivamente uma *coisa* tal que não pode ser compreendida como *verdade*, será que podemos ver a escolha de um denominado “mito” para a representação política brasileira acontecer em detrimento da regra simbólica, da *verdade factual*? Será que se deixou de lado, com esta escolha, o rigor de uma

²¹ Walter Benjamin, Op. Cit. pp.177-191 *apud* PLAZA, Julio, 2003, p.4.

²² LACAN, Jacques; 1953, p.2.

construção de narrativas históricas por vias simbólicas tradicionais (redes sociais e crise do jornalismo)? Há em adeptos do movimento bolsonarista (mas não exclusivamente, façamos justiça) uma disposição à negação contundente de fatos, documentos e uma tendência obsessiva por revisionismos históricos de diferentes naturezas, isso se desenvolveu, argumentamos, por via do coagulamento destas identificações narcisícas antes dissolvidas na sociedade e sem potencial de afogar contingentes populacionais tão grandes em sua própria ilusão narrativa. Quando a sociedade pratica um chiste como eleger o “mito”, renuncia ao conformismo lógico que antes dominava os discursos de coalizão, um reinício se instaura e ficamos tentados a encarar os fenômenos convencionados como *pós-verdade* através da revisitação ao que Eliade chamou de *illud tempus*.

O ganho aparente que o sujeito teria ao aderir a uma narrativa mitológica e a um *illud tempus*, é que se cria uma ligação simbólica de valor essencial entre ambos (sujeito e coletividade). Uma conexão cognitiva que mascararia o conflito original de cada *Eu* assim conformado em sua mitologia neurótica individual. “Segundo Freud, quando desenvolvo um sintoma, produzo uma mensagem codificada sobre meus segredos mais íntimos, meus desejos e traumas inconscientes.”²³ Será então que quando sintomas de diversos indivíduos se põem em roda comum, em uma coletividade, é que percebemos a gênese de uma narrativa mitológica como a dos deuses momentâneos, que ocupam o espaço central e vazio, que constroem (como efeito colateral da linguagem) a fantasia do totem no grupo e seu conseqüente tabu, seu monstro e seu herói?

Barthes nos diz que o mito é um *sistema semiológico segundo*, particular, construído a partir de uma cadeia de significantes anterior a ele mesmo e que não se define pelo objeto de sua mensagem²⁴, mas pela maneira como é dito. Ora, as falas de Bolsonaro também fazem sentido dentro de compreensões restritas. Verificamos ali uma espécie de abdicação do registro simbólico geral (que estava em voga até então) em favor de novos e convenientes registros simbólicos fragmentados, sectários e de significantes, inicialmente, proprietários aos grupos aos quais se dirige. Que este registro

²³ ŽIŽEK, Slavoj; 2010, p.19.

²⁴ BARTHES, Roland; 1993, p.131.

geral, cuja compreensão aqui esboçamos, seja então entendido, *lato sensu*, no materialismo histórico, no estado laico, no método científico, na constituição democrática etc. Seria então como se a concepção homogênea, que firmava o acordo entre as inteligências e estabelecia os conflitos no tecido social da realidade nacional pela via do poder simbólico, da qual nos fala Bordieu²⁵, houvesse fundamentalmente perdido o *consensus* sobre o sentido social imediato do Brasil. Perdemos o verniz que se denominava “politicamente correto” no espaço público e expomos nú e cru o narcisismo potencializado pelo prazer das imagens especulares vindas das bolhas de conteúdo e a sensação de pertencimento proporcionada por elas.

Quando o bolsonarismo é tomado pelo viés que estava acostumada a esquerda constituída democraticamente no país, desintegra-se boa parte da moralidade discursiva entre os grupos sociais e, logo após, presenciamos a falência da lógica simbólica. Podemos entender, assim, que as falas bolsonaristas (que vemos carregadas de características com potencial mitogênico) operam concorrendo com a verdade factual na disputa por constituir a narrativa social dominante, pelo monopólio da história oficial. As alterações em políticas públicas na área da cultura e educação, a perseguição a pareceres técnicos e a negação governamental de dados científicos parecem indicar que sim. Temos, de todo modo, em detrimento da eleição de Bolsonaro, um câmbio profundo no pacto social que se entendia democrático desde 1988 no Brasil.

²⁵ BOURDIEU, Pierre; 1989, p.9.

4. O OUTRO NAS ALTERIDADES E IDENTIDADES AMBIVALENTES NA #ELENÃO

Esse Outro pode estar, por exemplo, na tecnologia e nos seus aparatos, bem como na figura messiânica de um político ou de uma forma de governo, tanto autoritária quanto democrática. (...) Considera-se que, na angústia há muito de estranho familiar (...) e, ao mesmo tempo, de extimidade, e assim o Outro emerge com sua potência devoradora. (MESSIAS, Adriano; 2019, p.22.)

A análise que propomos aqui parte de um problema fundamental sobre a parcialidade política que lhe concerne. Como interpretantes, estamos propondo a observação sógnica de diferentes bolhas, às quais temos acesso vezes como estrangeiro infiltrado, vezes como nativo vinculado, mas inegavelmente tomados de significados e afetos particulares.

Ao partir, pois, de um viés de esquerda, que é o lugar de fala possível por onde nossa análise pode ser legítima, consideraríamos (antes da reflexão proposta) que Bolsonaro é simbolicamente a negação cega e obstinada do que faz referência aos governos anteriormente eleitos. É como se o personagem “antipetista” tivesse encontrado em Bolsonaro o ator ideal para a temporada dialética. Foi dele o discurso vil e cruel que homenageou o torturador de Dilma Rousseff no dia decisivo de sua queda da presidência, deixando clara sua posição abjeta. Mas não seria então, ao contrário, Bolsonaro quem se adaptou para mimetizar o hediondo, para camuflar-se na borda do *resto simbólico* advindo do vácuo discursivo deixado após o colapso democrático de onde emergiu? A carapuça deste Outro torturador estava esperando quem a vestisse. Ele seria nesta compreensão apenas uma intuição, uma mônada, vaga impressão, um efeito colateral dos fragmentos discursivos que recebemos em mensagens que não foram direcionadas originalmente às nossas esferas de esquerda, um ruído cognitivo. A clássica pergunta neurótica se estabelece aqui: o que, afinal, Bolsonaro quer de nós?

Sabemos o papel preponderante da função do *Outro* na formação do *eu* consciente, no desenvolvimento da linguagem verbal, na constituição do imaginário e dos espaços simbólicos onde habitamos. O que o *eu* deseja é predeterminado pelo *Outro*, pois este constitui a alteridade anônima da ordem simbólica daquele; um sujeito fundador, radicalmente separado de quem enuncia e que acredito saber por mim. Este

deslocamento do conhecimento para fora de si é chamado por Lacan de sujeito suposto saber. Compreendermos como e porque Bolsonaro conseguiu operar esta posição subjetiva de suposto saber para si, dentro de parcela significativa do imaginário brasileiro, é fundamental se esperamos superar o momento, minimizando o prejuízo civilizatório e material que ele protagoniza em inúmeras frentes temáticas.

Por sua imagem e discurso, Bolsonaro é interpretado, geralmente, como o monstro para a esquerda e o herói para a direita. O antagonismo com um inimigo imaginário lhe faz condição discursiva essencial. Exemplos temáticos são de amplo espectro novamente, até mesmo por se eximir com frequência de atuações concretas e apoiar-se na possibilidade de desdizer o que foi dito, sem engajar compromisso ou honra à própria palavra. Desde sua posição como deputado, e agora como presidente, ele quebra sistemática e perversamente os *tabus* sociais, sobretudo os que identificam o primeiro grupo, que estava no poder antes dele. Bolsonaro ataca o avanço e reconhecimento da atividade política progressista no país (direitos trabalhistas, direitos humanos, soberania nacional, diplomacia não-intervencionista, pautas identitárias e ambientais), chegando a criminalizar, em suas falas, o direito político mesmo de que existam estas posições.

Freud já nos explicou:

São concedidos aos governantes grandes privilégios, os quais coincidem precisamente com as proibições tabus impostas a outras pessoas. Eles são pessoas privilegiadas; podem fazer ou gozar exatamente aquilo que aos outros é proibido pelo tabu.²⁶

Pois são então estes neuróticos tabus originários com os quais assistimos estarrecidos Bolsonaro gozar com o poder, como apenas um representante mitológico poderia fazê-lo. O recalcado da cultura nos atrai para seu espetáculo de profanação social, autorizado pelo contingente insuflado que o elegeu. São quebras abjetas no contrato social e que afetam a esquerda de modo especialmente ultrajante, despertando verdadeiros surtos de natureza neurótica (a depender de quem atua), mas que são gozosos entre seus apoiadores. Reconhecer que Bolsonaro expõe as vísceras de uma ruptura no registro simbólico nacional soa crucial à nossa análise. Afinal, é dessa alteridade fundamental e distinta, interpretada pelos grupos fígados por seu nome,

²⁶ FREUD, Sigmund; *ibidem*, p.39.

que a imagem de nosso objeto (ou seria abjeto?) parece se tratar nesta clínica da cultura. As ressignificações simbólicas que ele promove nos grupos, via imaginário em mitogênese, minam os campos de diálogo democrático e criam *bunkers* sociais paralelos e campos de batalha narrativa.

Freud ainda acrescenta que a “característica original do tabu [...] é inteira e unicamente ‘medo objetivado’.”²⁷ A aparente paralisia fóbica, o pânico de membros da sociedade, e especialmente da esquerda, configuram sintoma deste *medo objetivado* em Bolsonaro e pode ser explicitado no ato supersticioso de evitar chamá-lo por seu nome próprio, o que deu origem à campanha “#elenão”, e depois à sua contra-resposta, a “#elesim” (capitaneada por bolsonaristas).

Não vocalizar seu nome não foi uma estratégia de sucesso eleitoral pois consideramos que o “cancelamento” é eficiente só dentro da esfera que o propõe como significante de identificação positiva, a esquerda. Ressoou, pelo lado do centro e da direita, contudo, o poder que a identidade tem por vias da negação, da imunização negativa, de se condensar a partir dos medos compartilhados e que acolheu Bolsonaro como este “deus momentâneo”, este “pai primitivo”, este grande Outro. Não estar identificado a “tudo isso aí”, a este inominável que não se consegue simbolizar, foi para esta análise um dos trunfos eleitorais do bolsonarismo.

O uso da terceira pessoa do singular não nos permite ignorar, mais uma vez, a ideia de Outro que Bolsonaro angariou para si. Entender a recusa em nomeá-lo diretamente remonta tabus das mais diversas épocas e culturas. Freud faz um longo inventário destas manifestações em seu “Totem e Tabu”. O pavor de invocar ou materializar uma tal inominável *coisa* (ou “coiso”, no masculino) é um caminho formidável para interpretar suas capacidades afetivas e semióticas. A “coisa” sinaliza mesmo a falta simbólica, aquilo que escapa e resta no Real, não-simbolizável.

Estaria, então, o discurso de Bolsonaro, deste modo, saindo da “boca de jacaré” da disputa política brasileira, na cadeia de significantes cujos elos escondem secretamente um objeto-causa perdido em nossa política e que agora aponta para lados divergentes. Argumentamos assim que referenciar abjetamente à ditadura militar a partir de 1964, como ele a faz, é referendar uma refundação da atual conjuntura

²⁷ FREUD, Sigmund; *ibidem*, p.39.

política brasileira, cujo ninho de símbolos advinham de forças políticas que culminaram no restabelecimento da ordem democrática de 1988 até 2013.

Bolsonaro traria em si a imagem e falas de uma espécie de “mãe psicótica”, *das Ding* da esquerda, que não deseja ou permite a separação de seu filho, que se não cessa de se “oferecer” de maneira acústica e escópica, gozando do filho, propiciando um eterno retorno a esta apavorante boca reptiliana, de dentes incisivos e ofertando obsessivo deleite retórico (o início/ fim da ditadura), um pesadelo verborrágico de réplicas, trélicas inspiradas por cada uma de suas falas hediondas... Processo que proporcionam um gigantesco engajamento a cada novo comentário, compartilhamento, aprovação... Um simulacro de *illud tempus* onde o caos social e existencial dá origem a uma nova teogonia, através de um imaginário entumecido de vídeos e memes que rasgam o elos simbólicos, estabelecendo realidades distintas em um mesmo corpo social.

Se a permanência da falta é o que nos mantém desejantes, então utilizar *das Ding* como condutor da narrativa mitológica individual em busca de desejos coletivizados é eficiente, afinal verificamos que as ideologias (cada uma a sua maneira) buscam imunidade, evitar o mal e proteger seus adeptos da *coisa*. O objeto-causa de desejo é sempre o desejo do Outro. Acabou que foi irresistível para a esquerda falar de Bolsonaro apesar de todo esforço fóbico em evitá-lo.

Já pelo lado do bolsonarismo a investigação da cadeia de significantes (a hermenêutica deste atualizado uso social da palavra “mito”) também foi um caminho promissor para entender o fenômeno que nos deparamos. O que certos brasileiros querem significar quando se deleitam na associação de Bolsonaro a um mito, a um herói fica claro na posição subjetiva de suposto saber (a ele conferida), nas “informações sigilosas” e “decisões intrincadas” que justificariam a incoerência de um chefe e a necessidade da fé em seu “objetivo maior”, igualmente incógnito a todos. Há muita mitogênese a ser reconhecida em suas narrativas e quebras de tabus. Podemos então interpretar este fenômeno associativo como outro fator decisivo de seu sucesso eleitoral. De fato, reconhecer na trajetória política de Bolsonaro processos semióticos, psicanalíticos e culturais análogos à gênese de mitos no imaginário coletivo nacional é um caminho para significar algo que tanto assusta.

Dentre todos os segmentos de identidade social que investigamos enquanto esferas, temos aqueles que contam com patente proeminência de canais temáticos difusores de conteúdo aderente à plataforma bolsonarista. Consideramos aqui discursos intolerantes que impactam negativamente um largo espectro de políticas públicas em prol de equidade e justiça social. As práticas intolerantes organizam ataques que atingem desde a espiritualidade das religiões afro-brasileiras (através da perseguição religiosa programática), passando por artistas e educadores (através de atos de censura, boicotes e fim de subsídios econômicos às atividades), políticas ambientais (negação de dados climáticos e apoio a atividades de desmatamento), por políticas para minorias (mulheres, LGBTQIA+, negros, indígenas, PCDs), pela ciência e pesquisa (criacionismo e terraplanismo) até o reacender de polarizações políticas adormecidas com o fim da Guerra Fria (através de teorias conspiratórias de *plot* comunista, expulsão de certos estrangeiros e antimigração). Todos estes registros imaginários de cunho tradicionalista e conservador sugerem uma fantasia de retorno a um tempo primordial glorioso do passado e “seu ‘retorno a’ constitui o próprio objeto para o qual ele retoma: no próprio ato de retornar à tradição, eles a estão inventando.”²⁸ Assim, temos com a invenção política de Bolsonaro o “eterno retorno” aos autoritários *illud tempus* primordiais da fundação mítica do Brasil.

É fato notório que os seus grupos de seguidores (muitos que estavam até 2013 politicamente inertes ou inexistentes) foram catalisados com desejo patente de atuar em seu nome e que “A ocorrência de uma solicitude excessiva desta espécie é muito comum nas neuroses e especialmente nas neuroses obsessivas, com as quais a nossa comparação é principalmente traçada.”²⁹ Freud aqui fala de um pensamento primitivo que hoje, com nosso afastamento histórico, não compreendemos mais de modo pejorativo, apenas diverso. Todavia, queremos equiparar, sim, o pensamento mágico a certa hipertrofia do registro imaginário, em prejuízo do simbólico, que alguns perfis que orbitam Bolsonaro compartilham com as culturas “selvagens” de Freud.

“Bolsominion” é um termo pejorativo usado pela esquerda para descrever apoiadores de Bolsonaro, derivado dos autômatos (porém bem-humorados) Minions do

²⁸ ŽIŽEK, Slavoj; *ibidem*, p.40.

²⁹ FREUD, Sigmund; 1913, p.40.

filme de animação (exibido no Brasil como) “Meu Malvado Favorito”. Os significantes se apresentam mais uma vez e as angústias obsessivas aliviadas pelo voluntarismo bolsominion nos diz isso pelo entendimento do conceito freudiano de *unheimlich*. Uma estranheza familiar que toma conta no impacto com seu plano destrutivo, o qual enfatiza sintomas sociais “conhecidos há muito tempo e familiares desde sempre” (o racismo estrutural, a exploração do trabalho, a violência, a exclusão social, a desigualdade econômica). Estas impressões familiares e estranhas parecem ser reforçadas na estética intencionalmente tosca de suas mensagens, onde certos recalques são abruptamente despertados por escolhas, atitudes e ambientações pseudo-legítimas de Bolsonaro: o bolsominion adensa fileiras eleitorais reproduzindo em suas esferas acolhimento ao famoso medo da castração (no armamentista viril e nos machismos “conservadores”); ao medo da figura do duplo (contra a “ideologia de gênero”, contra o “comunismo chinês infiltrado”), ao incômodo sinistro causado pelo movimento do autômato bolsominion, que repete um discurso que não se define pelo objeto de sua mensagem, mas pela maneira como é dito, pela sua atuação “mítica”.

Ao se colocar como uma alteridade onipotente que toma poder por via eleitoral, mas questiona o próprio processo que o legitimou, Bolsonaro mais uma vez se comporta como pai perverso da horda primitiva, como angustiante objeto fálico, onipotente para uma gama enorme de obsessões particulares e ao mesmo tempo “refundante” de tudo o que havia antes. O supereu é ativado então pelo capital pulsional da cultura e volta-se contra os indivíduos. Como efeito cruel da sua submissão, surge a maldade em nome de um Outro caprichoso, de um “malvado favorito”. O Bolsominion, se apresenta para a esquerda e para si mesmo como um autômato, um robô estranho e familiar que parece animado através da catexia discursiva do grande Outro, este “deus momentâneo” que lhe arrebatou.

Podemos nos debruçar finalmente no contato com a *abjeção* que Bolsonaro articula. Kristeva expõe que o abjeto seria uma espécie intermediária, sem lugar linguístico próprio, entre o sujeito e o objeto. Uma posição ainda mais radical onde não há mais reconhecimento. Onde a ruptura com o signo é tal que alcança uma espécie de “vínculo dissolutivo do corpo social”, ressignificando memórias coletivas, reescrevendo a história. A perseguição a um supereu que não segue às regras simbólicas

por não se inscrever e, assim não cessa de desafiá-lo. Não cessa de criar inimigos, crises. Ao esbanjar impropriedades, mentiras, desrespeitos, obscenidades, ignorâncias e outras perplexidades cognitivas Bolsonaro articula narrativas que ativam memórias históricas monádicas de ojeriza, de morte, de guerra, de tortura e a dificuldade em vocalizar seu nome escancara esta posição. Abjeção paralisada no asco presente nas constantes “notas de repúdio”, no terror que dissimula a verdade, no ódio aparelhado com um “gabinete”. Abjeta é a coisa que engatilha o sentimento fóbico e que abunda no “coiso”. Uma exclusão, uma “inclusão fora”, um #elenão de identificação tão basal que não permite nem mesmo nomeá-lo. Tão profundo quanto desejamos o cancelar seria nosso medo de identificação a tudo o que ele é capaz, por não se inscrever à regra.

Especialmente conectadas à ideia de “cidadão de bem”, entendemos que todas estas falas (caracterizadas pela preponderância discrepante do imaginário) reatualizam em seus segmentos diferentes *Ideais de Eu* no contexto nacional do discurso capitalista. Revelam em sua cadeia significante a soberania da vontade de um *eu* que foi recalcado pela impossibilidade neurótica do gozo, mas que se pode ver atuado perversamente pelo “deus momentâneo” com o qual se afiliam. As bravatas, provocações, incoerências, “lacrações”, agressividades e demais falhas lógico-discursivas (agora, valorizadas nas principais falas) seriam mais sintomas no corpo desta “sociedade de neuróticos que encontram condições culturais de apostar na perversão como signo de uma liberdade maior”³⁰.

Mais um ponto crucial para a análise do sucesso da plataforma de comunicação de Bolsonaro deve ser o indispensável ingrediente neopentecostal, que vem sendo incensado ostensivamente na população via rede de televisão aberta em todo o país há bem mais de uma década. Nestas esferas Bolsonaro atua utilizando de seu nome próprio “Messias” como se fosse mesmo uma função que lhe foi atribuída divinamente, significante ainda mais reiterado no imaginário pelo episódio da facada e suas vicissitudes interpretativas. Somado aos desdobramentos práticos e lucrativos da “teologia da prosperidade”, vinda dos E.U.A. e agora exportado pelas igrejas multinacionais brasileiras, o pensamento mágico e as performances milagreiras tomam conta da

³⁰ LEITE, Eduardo F.; 2013, p.156.

grade de programação e da esperança material, num sincretismo voraz que avança especialmente sobre as religiões afro-brasileiras, sequestrando seu próprio panteão de manifestações sagradas e lhes atribuindo valores demoníacos. Especialmente representada pela Igreja Universal do Reino de Deus, sem dúvida estas instituições religiosas multinacionais são as mais aparelhadas em disseminar boa parte do pensamento mágico-religioso, anti-intelectual, anticientífico que voltou a se fazer disponível para o imaginário coletivo. A volta de concepções como “terra plana”, criacionismo e a luta contra a “ideologia de gênero” encontram (direta e indiretamente) subsídio nestas organizações religiosas cujo pensamento mercadológico é ferramenta primordial para o sucesso institucional no Brasil e a exportação do modelo de exploração econômico da fé para outros países.

Sabemos ainda das esferas bolsonaristas de classe média caracterizadas pelo ressentimento, como nos conta Kehl³¹, cujas composições afetivas orbitam sentimentos como mágoa, raiva, inveja e desejo de vingança. A demanda de justiça seria a demanda de que o excessivo gozo do outro seja restringido, de modo que o acesso de todos ao gozo fosse igual. Certas esferas sociais se caracterizam pela espera por algo que julgam não estar a receber do mundo/ sociedade e reconheceram em Bolsonaro um objeto para suas pulsões. Reina aqui uma percepção deturpada do que seria a “injustiça” social e a aceção de culpa dos males sociais ao “estado corrupto” e “ao PT”, ou qualquer outro reconhecido com *establishment*. São argumentos falaciosos que, não poucas vezes, nos deparamos quando notamos a natureza fóssil do combustível noticioso tantas vezes requentados nas esferas habitadas por tais recalques vingativos.

Estes, e ainda muitos outros, afetos distintos encontram eco nos ambientes virtuais, onde narcisos são cultivados, fermentados e destilados em conteúdo que circula sem o escrutínio simbólico amplo da sociedade, estabelecendo novos sistemas imaginários neuróticos que contrastam com as verdades factuais que compõem tradicionalmente um ambiente democrático. Depois da consolidação de tecnologias de redes abertas (Facebook e Youtube) e sua recente migração para plataformas com

³¹ KEHL, Maria Rita; 2011.

acesso mais controlado de membros (WhatsApp e Telegram), estas esferas de identificação que hoje aparecem em espuma, em uma estrutura dinâmica e interdependente, reflexo de um rearranjo produtivo pós-industrial.

Sabemos pela psicanálise que a competição por recursos em um dado ambiente é o principal consenso que se faz para compreender a irrupção de práticas de violência e ódio entre grupos humanos. É um fator preponderante na criação de identidades sociais. Hoje se sabe também que a dor física e a exclusão social são sentidas no exato mesmo local do cérebro – dentro da estrutura do córtex cingulado anterior dorsal – segundo recentes estudos de neurocientistas que têm se debruçado a entender as motivações de *mass shooters* e o fenomenal ódio em suas atuações. Não é de admirar, portanto, a implicação de que os afetos subjacentes a significantes identitários sejam mesmo tão determinantes na compreensão do gozo e sofrimento que dramatiza a “cultura de cancelamento” das esferas psicossociais deste capitalismo tardio.

Afinal, somos o que somos através de significantes que nos representam, significantes que articulamos em nossa própria busca de identidade e pertencimento. Pertencer à sociedade se trata do paradoxo de que somos individualmente obrigados a acolher, a escolher o que de todo modo seria imposto. Esse paradoxo, de desejar o que é obrigatório, de atuar uma aparente escolha, é tributário à noção de um gesto simbólico vazio, um sacrifício que se destina a ser rejeitado pelo Outro.

Resta ao fim desta análise agora raciocinar como poderíamos então sublimar nossas pulsões coletivas contra alteridades, de bolha a bolha, que culminaram no sintoma autoimune do cancelamento via #elenão e na abjeção que Bolsonaro contemplou no corpo imaginário, como se fosse operador de uma borda mítica entre esferas tornadas incompatíveis pela manipulação da verdade factual que seus bolsominions promoveram para prejuízo da democracia.

5. COGITAÇÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As bolhas tecnológicas de conteúdo micro segmentado, proporcionadas pelos atuais meios de comunicação – bem como suas cornucópias pulsantes de imagens, vozes e semioses – alastraram-se e hoje possuem relevância inestimável na constituição do espumante debate cujo objeto histórico é a política no Brasil. Muitas vezes são identificações coletivas ambivalentes e com bandeiras históricas regionais, étnicas, de classe, de gênero, raciais, políticas. Algumas esferas psicossociais parecem ser pautadas por desejos comuns entre seus membros, outras ainda por fobias confluentes, mas todas estão sujeitas a interesses dos poderes inerentes ao nosso modo de produção econômico.

Gostaríamos, assim, de deixar algumas considerações acessórias que puderam ser acolhidas em nosso trabalho de análise da “cultura de cancelamento” e da “#elenão” durante o contexto eleitoral de 2018 no Brasil. Entre elas elencamos:

- a) o cancelamento se refere ao ataque à reputação e posição profissional, determinado por um coletivo de críticas, baseadas em opiniões ou ações alegadas como desqualificadoras ou desrespeitosas;
- b) todas as culturas cancelam, mudam-se apenas as motivações e, mais amplamente, os meios utilizados;
- c) a internet atual mudou a maneira com que encontramos o espaço social e proporcionou um trânsito libidinal dos vínculos de identidade antes estabelecidos no Brasil, sobretudo graças à arquitetura das redes sociais e seus mecanismos de recompensas como número de *likes*, comentários, seguidores. Cancelar é um modo rápido de crescer e se afirmar dentro de uma rede e, sobretudo, ampliou o seu alcance ao ser instrumentalizado para este fim;
- e) celebridades são as pessoas mais fáceis de mirar, mas as mais difíceis de serem canceladas por terem uma presença simbólica em diferentes esferas, quanto mais identificado a um único totem, um único grupo, mais fácil será o cancelamento de seu capital simbólico;

- f) esta dificuldade em cancelar se estende às posições de opressores e oprimidos históricos de maneira diferente;
- g) o cancelamento é mais eficaz contra pessoas que estão surgindo em seus campos e bolhas do que contra influenciadores consolidados, como se o capital simbólico estivesse mais protegido ao diversificar sua presença em diferentes esferas psicossociais;
- h) todas as posições do espectro político cancelam, a esquerda estava apenas mais em evidência e associada ao *establishment* em 2018;
- i) a cultura de cancelamento reflete a importância da internet nos debates democráticos e o crescimento de poder e controle das corporações *big techs* na difusão de narrativas, na simbolização e na resignificação da economia globalizada.

Grupos de conteúdo dentro das redes sociais são *habitats* com potencial endêmico para hipertrofia de registros imaginários. Os canais destes grupos de identificação, explorado comercialmente por grupos de poder político e econômico, conseguem dar vazão a pulsões de referência narcísica, em um simulacro imagético de um mundo imune, acolhedor e abundantemente simbolizado em seu interior. Fazemo-nos protegidos da alteridade nesses “espaços íntimos”, interpretada como existência hostil, complexa e *realmente* não-simbolizada pela coletividade que nos inserimos.

Alguns lugares subjetivos aparecem então e podem ser diferenciados neste âmbito. Quando excluimos significantes associados aos antagonistas do grupo, ao cancelar aqueles que não refletem mais um espelho satisfatório para a identidade compartilhada, todo este estranhamento que se desenvolve com vínculos antes familiares (*unheimlich*) traz sentimentos fóbicos para a parcela que apoiou a “#elenão”. Sentimentos ressoados a partir de uma memória histórica fugidia que teme a tortura, a ditadura, o autoritarismo e outras características associadas ao regime instaurado a partir do golpe militar de 1964. Ligamos aqui estas perversidades às abjeções e aos medos, que emergem com seus mecanismos de defesa peculiares a cada esfera.

A simples menção de determinados significantes pode engatilhar esta modalidade de “efeitos de manada”, possibilitado pelo corpo social em rede, que reage a

memórias implantadas pela profusão de imagens enviesadas destes ambientes *online*, e acabamos por viver em realidades paralelas com texturas míticas, imaginárias e sem simbolização externa à nossa própria esfera, algo que lhe impusesse as regras de um campo democrático global. Flutuamos aflitos em nossas próprias bolhas, à procura de um núcleo de identificação legítimo e com medo de sermos expulsos do entumecido citoplasma imaginário da contemporaneidade, com medo de atravessar a barreira da identidade e cair no Real das complexidades e ambivalências.

Especialmente depois de considerável tempo imerso nos conteúdos narcísicos das nossas próprias bolhas, confrontar com o diferente, com o antagônico, tem tendência a se tornar um exercício cada vez mais excruciante para estes encharcados fóbicos. Chegamos em um tal estado de atuação simbólica ao “cancelar” com estas ferramentas comunicacionais que mesmo relações familiares e de amizade que poderiam passar imunes a diferenças políticas têm se bloqueado mutuamente quando, nas redes, não se identificam em um determinado tema, estreitando, com isso, cada vez mais o campo de debate democrático no Brasil.

Por outro lado, a exposição pública de crimes e desrespeitos de sujeitos (antes intocáveis) via cultura do cancelamento e sua raiz na luta política identitária da esquerda pareceu, como o caso #elenão demonstrou em nossa reflexão, ser ineficiente para reverter resultados eleitorais majoritários. Os discursos afirmativos que emergiram destas esferas e deram o tom do debate nas redes não possuíram um apelo libidinal suficientemente universal fora de seus próprios contextos e trouxeram uma reação de imunidade que deu popularidade (em outras esferas) a intriguistas, provocadores profissionais e ao atijamento de ressentimentos na parcela da população que procurava um discurso *anti-establishment*. O alavancamento e promoção de conteúdos sensacionalistas e enviesados para usos comerciais e políticos deveria ter especial atenção e regulação do Estado e da sociedade civil pois negligenciar um olhar crítico sobre a atividade se mostrou corrosivo para a democracia da sociedade brasileira.

Especialmente quando Bolsonaro conseguiu se colocar como “pai da horda primitiva”, declarando para tal ser “imorrível, imbrochável e incomível [sic]”, entre outras frases similares. Ao absorver em si este Outro com status de “deus momentâneo”, ele dá conta de quebrar tabus e abarcar todos aqueles que foram considerados estranhos

familiares: os “autômatos”, os “machistas”, os “iletrados”, os “fanáticos”, os “violentos”... todos aqueles que estavam a ser sistematicamente “cancelados” (pela sanha “lacradora”, moralista das esferas psicossociais constituídas à esquerda em busca de popularidade nas redes) se refugiaram no nome que se velava, no significante que fugia sem ser pronunciado. Bolsonaro logrou em responder ao “medo do cancelamento”, ao medo que cada um carrega de ser excluído. Bastou dizer “#elesim” contra a incompreensão caótica e o temor, que ganhou contornos míticos para ressignificar.

Todo este panorama contribuiu para animar nosso trabalho, pois nos parece agora que, imaginariamente, o ônus que tais atitudes de ruptura causaram à *psiqué* coletiva é mais palatável aos sujeitos “canceladores” do que o bônus virtual que por vezes acompanham uma equivalente atitude de rompimento. Ganha-se popularidade e métricas positivas nas redes ao surfar em temas e tendências de pauta quente. Reforçada pela amplificação dada a discursos extremos, é como se capitanear o cancelamento de alguém tivesse se tornado um atalho para catapultar popularidade. Os algoritmos premiam os apedrejadores.³² Imaginamos que investigar o processo de investimento e desinvestimento libidinal para os objetos de desejo das pulsões aqui contempladas foi relevante para justificar a reflexão.

Além disso, há um interesse prático e econômico crescente no fenômeno por parte de marcas, que podem sofrer as consequências de um possível “cancelamento” executado após a exposição de uma atitude ou mensagem, se reconhecida como suficientemente negativa. Sobretudo, parece haver uma relevância definitiva na seleção de influenciadores para campanhas publicitárias e na natureza do impacto que podem decorrer da interpretação e resposta a esses acontecimentos nas redes sociais.

Os significantes parecem não mais resistir aos imperativos imaginários e rompem o nó que o Simbólico estruturava entre os registros Imaginário e o Real no corpo social ao foracluir determinados significantes (#elenão) de esferas psicossociais. Ao

³² Nwanevu, Osita. **The “Cancel Culture” Con.** New Republic, 2020. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/155141/cancel-culture-con-dave-chappelle-shane-gillis>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

permitir que os indivíduos ali imersos fiquem vagando em um universo imaginário narcísico, engatilhando atitudes fóbicas de pânico e alerta contra o que vem de fora, ou contra o que parece vir de fora das próprias bolhas.

Se em nosso estágio de capitalismo tardio existe uma hipertrofia do Imaginário em curso, estaríamos perdendo campo, em nosso momento histórico, de um registro Simbólico que fora mais global? Será que aumentamos nossa angústia coletiva ao estreitarmos essa borda simbólica entre a falta Real que procura ser preenchida pela linguagem? Será que os objetos dessas fantasias micro segmentadas reforçam a ruptura simbólica entre os segmentos que alegavam compor nossa sociedade? Imagino, para representar esta ideia, a imagem do colapso do Império Romano e o subsequente desenvolvimento das línguas românicas modernas nos seus antigos domínios, uma quebra de pontes linguísticas e subsequente especiação por relações de contingência e isolamento sociocultural.

Nossa suposição consideraria que os sistemas simbólicos constituem o supereu com similaridades suficientes nos indivíduos de uma dada esfera. O Outro laciano poderia criar então registros simbólicos covalentes no mesmo corpo social? Em suma: a expansão capitalista do individualismo, e que imaginamos estar em curso por via da saturação midiática do registro imaginário no corpo social, poderia estar a dar causa a uma sintomática ruptura ainda mais brusca no registro simbólico deste corpo? Estariam estes imaginários paralelos a incubar registros simbólicos independentes, como uma espécie de meioses no corpo social?

Outra das nossas cogitações é que a “cultura de cancelamento” seria uma das facetas do luto realizado no contexto de um desinvestimento libidinal, representado pela iconolatria (e subsequente iconoclastia) de significantes, uma dor relacionada à sensação de estar excluído de uma esfera, de não ter a existência contemplada, de não ressoar onde se habita. Uma maneira coletiva e aumentada de expressar a impotência frente às variabilidades destas pulsões fóbicas que encontram objeto no significante político.

Vemos, por fim, ver emergir a suposição final de que a estratégia utilizada pelo ativismo identitário de esquerda conhecida como “cultura de cancelamento”, para de-

marcar espaços, demandar visibilidade, políticas públicas e mudanças estruturais importantes para equidade e justiça; tem tendência a não ser eficaz em espaços democráticos mais amplos, pois carrega consigo a expressão de discursos e sentimentos, primeiridades com catexia específica de suas bolhas. Estas mensagens de cancelamento ecoam (para outras esferas alheias) atitudes desconfiadas, ressentidas, imunizantes e que se condensam pelo medo comum de ser excluído por algo que não entendem objetivamente, mas que sentem operar no Real não simbolizado do contemporâneo com auxílio da manipulação mítica das narrativas, proporcionada pelas *fake news* e similares.

A “#elenão” se mostrou um caso de iconoclasmo contemporâneo contra um “mito”, um “deus momentâneo”, um ídolo que, colateralmente, reuniu pessoas pela contra-identidade, pelo medo de exclusão, pela busca de imunidade de rebanho. Acreditamos que a campanha “#elenão” seja um caso exemplar para ilustrar como o ultraje não simbolizado pode deixar o ultrajado vulnerável àquele que o ultraja. O medo foi especialmente utilizado, inflado no imaginário pelo discurso bolsonarista, eficaz tanto para paralisar a elaboração de uma resposta crítica e madura (de seus opositores) às suas abjeções diárias; como em sua própria plataforma de campanha, baseada em *microtarget* de esferas fomentadas pela identificação negativa de seus participantes, unidas em torno de seu nome, de sua primitividade, pelo “não”, que os imunizaria de tudo o que viesse de fora.

REFERÊNCIAS

- ASHFOR, James; **What is Cancel Culture?** The Week, 2020. Disponível em: <<https://www.theweek.co.uk/105772/what-is-cancel-culture>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.
- BARTHES, Roland; **Mitologias**, 9ª ed., Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.
- BOURDIEU, Pierre; **O Poder Simbólico**, 3ª ed., Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand Brasil, 1989.
- BROMWICH, Jonas E.; **Everyone is Canceled**. New York Times, 2018. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2018/06/28/style/is-it-canceled.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.
- CASSIRER, Ernst; **Linguagem e Mito**, 1ª ed. , São Paulo: Ed. Perspectiva, 1972.
- CILLIZZA, Chris; **What Barack Obama gets exactly right about our toxic 'cancel' culture**. CNN, 2019. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2019/10/30/politics/obama-cancel-culture/index.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.
- NOBLE, Oliver;. **Trump Called 'Cancel Culture' the Definition of Totalitarianism. But He's Tried to Cancel All These People and Businesses**. Vice, 2020. Disponível em: <https://www.vice.com/en_us/article/z3eyge/trump-called-cancel-culture-the-definition-of-totalitarianism-but-hes-tried-to-cancel-all-these-people-and-businesses>. Acesso em: 20 de julho de 2020.
- ELIADE, Mircea; **Mito do Eterno Retorno**, 1ª ed., São Paulo: Mercuryo, 1992.
- FREUD, Sigmund; (1913). Totem e Tabu. In: FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- _____. (1919). O estranho. **Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. 17. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- _____. (1930). O mal-estar na civilização. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- _____. (1950[1895]). **Projeto para uma psicologia científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (ESB, 1).
- LEITE, Eduardo F.; **Neurose e Ideal de Eu no laço contemporâneo**. In: SANTAELLA, Lucia *et alii*, 1ª ed., São Paulo: Iluminuras, 2016.
- KALIL, Isabela. **“Quem são e no que acreditam os eleitores de Jair Bolsonaro”**. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>>. Acesso em: 19 de setembro de 2021.
- KEHL, Maria Rita; **Ressentimento**. 4ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

KRISTEVA, Julia; **Pouvoirs De L'horreur - Essai Sur L'abjection**, Coleção Tel Quel, Coordenação: Philippe Sollers, 1ª ed., Paris: Éditions du Seuil, 1980.

LACAN, Jacques; **Le Mythe Individuel du Névrosé ou “Poesie et Vérité” dans la Névrose**, Collège Philosophique, Paris: Centre de Documentation Universitaire, 1953.

_____. (1959-60) **Seminário VII - A Ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

_____. (1962-63) **Seminário X - A Angústia**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1992.

LÉVI-STRAUSS, Claude; **Mito e Significado**, Lisboa: Edições 70, 1989.

MESSIAS, Adriano; **Será a condição humana uma monstruosidade?**, Coleção Interrogações, Coordenação: Lucia Santaella, 1ª ed., São Paulo: Estação das Cores e Letras, 2019.

NWANEVU, Osita. **The “Cancel Culture” Con**. New Republic, 2020. Disponível em: <<https://newrepublic.com/article/155141/cancel-culture-con-dave-chappelle-shane-gillis>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

PLAZA, Julio; **Tradução Intersemiótica**, 1ª ed., 2ª reimpressão, São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

RIBEIRO, Djamila. **A facilidade com que se cancela pessoas negras deveria ser alarme**. Revista Marie Claire, 2020. Disponível em: <<https://revistamarieclaire.globo.com/Blogs/Djamila-Ribeiro/noticia/2020/05/djamila-ribeiro-facilidade-com-que-se-cancela-pessoas-negras-deveria-ser-alarme.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

ROSS, Loretta; **I’m a Black Feminist. I think call-out culture is toxic**. New York Times, 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/08/17/opinion/sunday/cancel-culture-call-out.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

SANTAELLA, Lucia; **A Pós-Verdade é verdadeira ou falsa?** Coleção Interrogações. Coordenação: Lucia Santaella, 1ª ed., São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2019.

SLOTERDIJK, Peter; **Spheres – Volume 1: Bubbles - Microspherology**. Tradução: Wielan Hoban, Los Angeles, EUA: Semiotext(e), 2011.

ŽIŽEK, Slavoj; **Como Ler Lacan**, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

WU, Katherine J.; **Radical ideas spread through social media. Are the algorithms to blame?** PBS.org, 2020. Disponível em: <<https://www.pbs.org/wgbh/nova/article/radical-ideas-social-media-algorithms/>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

A Letter on Justice and Open Debate. Harpers.org, 2020. Disponível em: <<https://harpers.org/a-letter-on-justice-and-open-debate/>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.

A não-solidão de Bolsonaro. Escola Brasileira de Psicanálise, Seção São Paulo, Autor: Ariel Bogochvol. Publicado em: 9 set.2019. São Paulo, Brasil. Disponível em:

<<https://ebp.org.br/sp/a-nao-solidao-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2019.

How YouTube Radicalized Brazil. The New York Times, Americas. Autores: Max Fisher e Amanda Taub. Escrito em: 11 ago.2019. Niterói, Brasil. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/08/11/world/americas/youtube-brazil.html>>. Acesso em: 26 de novembro de 2019.

Qual o poder do WhatsApp? Quem são e no que acreditam os eleitores de Bolsonaro. Blog da Boitempo, Autora: Isabela Kalil, Publicado em: 23 out.2018. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/10/23/qual-o-poder-do-whatsapp-quem-sao-e-no-que-acreditam-os-eleitores-de-bolsonaro/>>. Acesso em: 5 de dezembro de 2019.

Introdução ao pensamento de Sloterdijk: Estratégias para compreender a contemporaneidade Aula 1 Parte 1 Publicado em:23 mar.2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8dhJhxwU8V8>> (1h52min) color., son. Aula do Dr. Rodrigo Petrônio na PUC-SP. Acesso em: 25 de novembro de 2019.

Word of the Year. Macquarie Dictionary, 2019. Disponível em: <<https://www.macquariedictionary.com.au/resources/view/word/of/the/year/2019>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.